

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Maison du Brésil. Um território brasileiro em Paris.

Ceres Karam Brum.

Cita:

Ceres Karam Brum (2009). *Maison du Brésil. Um território brasileiro em Paris. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2031>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Maison du Brésil
Um território
brasileiro em Paris¹

Ceres Karam Brum

Universidade Federal de Santa Maria

Abstract

In this paper I present some reflexions about the *Maison du Brésil*. My aim is to reflect about the meanings that characterize it as a Brazilian territory in Paris, as temporary residence for researchers. I aim to analyze the international circulation of students and researchers that live there and have an educational experience of multiple dimensions, as for example, experiencing desterritorializing identities and there consequences in a habitational space at the same time public and private. For that, through my own experience as an ex-resident in the *Maison du Brésil* and in a late return to the *Maison*, I present some aspects of its history and it's daily life. I will focus the “uses and abuses” of the nation and of the region, to analyze the particularities of established mediation of living in the *Maison du Brésil*, to the formation and international insertion of some researchers.

Key-words

Identities, brazilities, desterritorialization, education.

¹ Este artigo se insere nas reflexões do projeto de pesquisa *Maison du Brésil: um território brasileiro em Paris. 50 anos de construção das identidades brasileiras na França (1959-2009)* GEAC n°: 022106 que desenvolvo desde março de 2008 na Universidade Federal de Santa Maria.

Considerações Preliminares

Em outubro de 2003, quando cheguei a Paris para um doutorado sanduíche de sete meses, o primeiro de tantos impactos que me aguardavam numa primeira viagem a Europa foi à visão, na *Cité Internationale Universitaire*, de uma residência que diferia largamente das demais. A visão da colorida da *Maison du Brésil* me apaziguou! Era um final de tarde de sexta-feira. Eu havia percorrido os arrabaldes de Paris até chegar a Maison, em um veículo *airport shuttle* que me apanhou no aeroporto Charles de Gaulle, já com uma hora de atraso. Enfim, eu havia chegado sã e salva, estava em Paris, melhor ainda estava em um lugar brasileiro em Paris, conforme me apercebi desde meus primeiros momentos na cidade.

Minha breve narrativa de uma chegada atribulada de medos iniciais da vida fora do Brasil, da perda de malas e de desentendimentos lingüísticos “eu não entendo esse francês” foi recorrente nas falas de vários colegas de *Maison* que presenciei chegar em 2003 e 2004 do *ball* envidraçado da Maison du Brésil. Expressões de cansaço, malas enormes sendo arrastadas com o conteúdo necessário para até um ano de vida, mais tempo às vezes, nos casos de doutorado pleno. As pessoas chegavam trazendo um conjunto de expectativas e temores expressos em narrativas plurais. Narrativas míticas que rememoram como tudo começou em Paris, a partir da *Maison*, dos novos amigos tornados parentes, dos desatinos e desacertos com orientadores e problemas de inserção nas universidades e laboratórios.

Ao conviver neste universo pleno de significações, um mundo à parte de brasileiros em Paris se descortinou. Os pesquisadores brasileiros que vivem na *Maison du Brésil* não são imigrantes nem turistas, mas de alguma forma interagem, com estes dois universos. Vir estudar em Paris em estágio doutoral ou pós-doutoral envolve anseios de uma formação internacional, da busca de intercâmbio de pesquisas com profissionais franceses e de demais países, mas remete também ao acionar de outras identidades e a busca de outros interesses. Conhecer a cidade e outros lugares da Europa, novos amigos e amores e, em algumas situações, buscar trabalho temporário.

Neste sentido, o residir na *Maison du Brésil* torna peculiar a experiência internacional dos pesquisadores brasileiros, pois sua inserção no cenário educacional francês é quotidianamente mediada por imagens do Brasil, pela língua portuguesa entrecruzada ao francês de brasileiros e, por relações, em sua maioria, entre brasileiros na França. É interessante observar, que a provável passagem de um cenário local no Brasil para um cenário cosmopolita (Hannerz 1990: 253) ocorre a partir deste espaço significado como território brasileiro em Paris.

Todas estas situações vivenciadas, a partir da *Maison du Brésil*, me provocaram um profundo estranhamento e a estrutura habitacional e emocional necessária para desenvolver o estágio de

doutorado sanduíche e alicerçar uma carreira universitária posterior. Do ponto de vista de meus estranhamentos nasceu o desejo de tentar entender melhor a experiência educacional internacional que vivenciei e de tantos outros pesquisadores e seus acompanhantes que passaram pela *Maison*.

Para tanto, procurei vivê-la e aceitar suas contradições diárias, e também buscar compreendê-la de um ponto de vista antropológico que exacerbava meu projeto de doutorado, efetuando algumas anotações no Diário de Campo e produzindo algumas imagens, daquele momento. Passados alguns anos e pesquisas, retornei a *Maison* e passei a percebê-la como um lugar de memória significado na minha história de vida, (Augé 2003: 43).

Conforme propõe o autor, “Ce Paris-là, ce sont mes ruines à moi, une ouvre d’art hors d’âge et qui, pour cette raison, me donne le sentiment qu’elle n’existe que pour moi.”(Augé 2003: 124), ao analisar as relações pessoalmente estabelecidas com o passado através da visitação e leitura individual de um vestígio. Minha estada na *Maison du Brésil* me remete a um tempo único do doutorado sanduíche, dos seminários na EHESS, de *feijoadas métisse*, das despedidas na cafeteria, dos queijos e vinhos intermináveis regados à discussão das teses e dos planos futuros. Tempo de recomeçar a estranhar! Tempo de perceber este encadeamento pessoal em relação a outras trajetórias e à pluralidade de significados que o viver na *Maison du Brésil* enseja na experiência de alguns pesquisadores.

Este texto é uma etnografia da “Casa do Brasil”, que considero como local privilegiado para se entender os processos plurais de formação de pesquisadores brasileiros, na França a que se refere Brito (2000: 158) ao discutir a caracterização e diversidade de significações dos estudos brasileiros no exterior.

Maison du Brésil²

O contato dos pesquisadores brasileiros que desejam residir na *Maison*, as informações necessárias sobre a residência e a candidatura a uma vaga ocorrem através do *website* www.maisondubresil.org.

La Maison du Brésil

Fondée en 1959, la Maison du Brésil est l'une des 23 maisons nationales de la Cité Internationale Universitaire de Paris. Depuis plus de 40 ans elle accueille des étudiants, professeurs et chercheurs

² Agradeço a Anne-Marie Thiesse, Arabela Oliven, Gentil Corazza, Rosana Pinheiro Machado e Ruben George Oliven o apoio, interlocuções e incentivo no desenvolvimento desta pesquisa. Igualmente agradeço a inestimável contribuição e dados documentais fornecidos por Inez Machado Salim (atual diretora da Maison du Brésil) e aos colegas residentes e ex-residentes da Maison que colaboram com esta pesquisa. Por uma questão de preservação de suas identidades os nomes adotados neste artigo são fictícios.

brésiliens qui viennent à Paris dans le cadre d'un programme universitaire, notamment pour des études doctorales ou post-doctorales, ou encore des artistes et des professionnels brésiliens en stage de perfectionnement. Au long de ces années elle a été la résidence temporaire de Joaquim Pedro de Andrade, Jaime Lerner, Zuenir Ventura, Sebastião Salgado, Arthur Moreira Lima, Zózimo Barroso do Amaral, Antonio Abujamra, Francisco Rezek et d'autres.

Cependant, au-delà d'une simple résidence universitaire, la Maison du Brésil représente un patrimoine de grande valeur architecturale et culturelle. Issu d'un projet moderne et original de deux architectes mondialement reconnus, Lucio Costa et Le Corbusier, le bâtiment a été inscrit en 1985 à l'Inventaire Supplémentaire des Monuments Historiques français et reçoit régulièrement des centaines de visiteurs de toutes les nationalités, entre professionnels, étudiants et amateurs de l'architecture. Entièrement restaurée en 2000, la Maison du Brésil combine à présent une infrastructure moderne et un éclat d'origine.

Aux logements de la résidence s'ajoutent un théâtre équipé d'une cabine de projection, un hall d'expositions, une bibliothèque, une salle d'informatique et une salle de cours/réunions. Tout ce réseau d'installations fait de la Maison du Brésil un pôle culturel par excellence, situé dans un espace privilégié de la capitale française.

A Maison du Brésil foi inaugurada durante o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, com o objetivo de abrigar pesquisadores brasileiros de Pós-Graduação e de fomentar as relações entre os dois países. Segundo Salim (2004: 1) embora os primeiros documentos que mencionam o projeto de construção da Maison du Brésil sejam da década de 1930, os trâmites legais só ocorreram efetivamente na década de 1950, sendo a obra realizada em três anos com recursos do Ministério da Educação do Brasil, via rubrica da CAPES.

A partir do Decreto 56.728 de 18/08/1965, a *Maison du Brésil* passa a ser vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e seu diretor é regulamentado como agente de missão oficial do Brasil na França, com orçamento anual de 63.800 US. Na década de 1970 o estatuto da *Maison du Brésil* foi modificado. Sua doação ao governo brasileiro é alterada através da nova composição do Conselho de Administração da Casa, restrita para seis dos dez membros anteriores, com apenas um membro brasileiro e sem a presidência do Embaixador do Brasil. É criada a *Comission de la Fondation Franco-Bresiliénne* para supervisionar as atividades do Conselho de Administração e do diretor da casa, com o objetivo de “melhor” ordenar a cooperação entre os dois países. A *Maison du Brésil* passa a se chamar *Fondation Franco-Bresiliénne* (Salim 2004: 2).

Apesar destas alterações que resultaram na restrição de autonomia brasileira frente a sua administração (os novos diretores franceses passam a ser indicados pelo Conselho de

Administração), a subvenção anual do governo brasileiro é mantida até 1981. Sua supressão em 1982 foi alvo de protestos e da organização dos residentes junto às autoridades brasileiras (obtendo algum sucesso). Entre 1982 e 1995 passa a ocorrer certo desvirtuamento da *Maison du Brésil* como residência universitária. Ela começa a receber muitos passageiros (hóspedes temporários) utilizando valores superiores aos cobrados aos estudantes/pesquisadores (que tiveram igualmente tarifas reajustadas).

Em 1985 quando o prédio da *Maison du Brésil* é inscrito como patrimônio histórico francês, este já apresenta indícios de deterioração, problemas de segurança e insalubridade, como expressa a fala de um ex-residente mineiro (doutorando pleno em Sociologia da EHESS, entre 1988-1992): - “quando vi aquele quarto caindo aos pedaços disse prá mim mesmo, não vou ficar neste lugar, é muito deprimente. Fui procurar outro lugar para viver em Paris.”

A residência abrigou durante a Ditadura Militar alguns exilados políticos e, em 1968, a *Maison du Brésil* foi utilizada como local de reuniões que antecediam as manifestações no Quartier Latin, (Rotmann 2008: 22). No final da década de 70 a casa é mencionada como espaço de resistência:

- Estive na França do começo de novembro até o final de janeiro, depois do doutorado. Não morei na Casa do Brasil, mas sei que lá havia os mais variados grupos de esquerda, cada qual com o caminho certo para o Brasil seguir. (...). Havia um grupo feminino na Casa que se chamava "Nosso corpo nos pertence"...

Vários dos estudantes brasileiros que estavam na França eram "auto-exilados" (isto é, resolveram ir para Paris e diziam que não dava mais para morar no Brasil: isto tinha o nome de "semamol") e tinha "bolsa da família". Naquela época era possível enviar 300 dólares por mês para o exterior e com isso era possível viver como estudante. Naquela época, os brasileiros descobriam telefones públicos que estragavam e dos quais era possível ligar de graça para o Brasil (o que normalmente custava muito caro na época). Quando os brasileiros descobriam um desses telefones se formavam filas de brasileiros para ligar de graça. Foi num desses lugares que vi um marmanjo reclamando da mãe os 300 dólares e dizendo "Sim, mãe é claro que eu tenho pijama para dormir."

Na fala acima, deste pedagogo carioca, que esteve como professor visitante na França nesta época, a *Maison du Brésil* é percebida mais como um espaço de ativistas do que de residência de pesquisadores. A própria perspectiva de viver com 300 dólares espelha o mundo à parte em que se constitui a *Maison du Brésil*. Lá residir significava o suporte necessário para permanecer em Paris, com ou sem atuação como pesquisador. Algumas pessoas lá residiam de forma clandestina,

habitando quartos que estavam registrados no nome de passageiros ou pesquisadores que lhes serviam de fachada.

Na década de 1970, que pode ser considerada como de exceção, os tempos também foram difíceis para a administração da casa em sua interlocução com o governo brasileiro. A *Maison du Brésil* sofreu o desgaste da falta de manutenção, culminando com a sucessiva deterioração de aposentos e mobiliário. Nos anos 1990 a situação se tornou caótica levando à interdição da sala de teatro, efetuada pela *Préfecture de Police* de Paris em 1994 e o fechamento de vários quartos e de todo o 5º andar. Também ocorreram infiltrações e inundações no térreo e subsolo, além da ausência de calefação em alguns locais. Entre 1993 e 1995 o cargo de diretor da Casa do Brasil ficou vago, pois seu apartamento não apresentava condições para habitação. O desabamento de parte do teto do andar térreo, em junho de 1996, ocorreu na véspera da visita oficial do presidente Fernando Henrique Cardoso à Paris.

Após três anos de vacância do cargo de diretor e de 30 anos de gestão francesa, em 1996, a direção passa a ser ocupada por uma arquiteta brasileira que assume a *Maison du Brésil*, tendo a difícil missão de buscar uma aproximação com o governo brasileiro a fim de conseguir os recursos necessários à sua restauração. O empenho neste trabalho resultou no fechamento da Casa do Brasil entre 1997 e 2000, para sua reconstrução, com a modificação nos seus estatutos propiciando a retomada de sua autonomia.

Isto se deu após apresentação da disposição do MEC de repassar dois milhões de dólares para a reconstrução da *Maison du Brésil*, desde que fossem alterados os estatutos vigentes do Conselho de Administração da Casa. O MEC, através do Itamaraty, opunha-se, assim, formalmente à proposta de recuperação da *Fondation Franco-Brésilienne* apresentada ao Conselho Administrativo da Casa do Brasil que condicionava sua reforma a modificar o ato de doação para anexá-la a *Fondation Nationale*, o que implicaria na perda definitiva do seu caráter nacional. Com a aceitação por parte da *Cité Universitaire* das condições apresentadas acima, a Casa do Brasil foi fechada para ser reconstruída. Foi reaberta em 2000 e re-inaugurada em 2002.



Imagens da Nação

As relações estabelecidas entre o Brasil e a França, tendo por foco a Casa do Brasil, espelham que a imagem da nação e seus embates perpassam a história da residência e da própria *Cité Internationale Universitaire* que a abriga. A nação para Weber (1971: 208) corresponde a uma comunidade de sentimento, em que o elo de ligação é coletivamente partilhado. “Le principe des nations est le notre”, conforme Renan (1997: 15). Para Thiesse “a pedagogia do sentimento de pertença passa pelo emprego repetitivo dos possessivos na primeira pessoa do plural – “o nosso país”, “a nossa pátria” -, que lembra constantemente que a identidade é coletiva” (Thiesse, 2000: 236). Assim, o acionar o nacional se relaciona ao afeto compartilhado e exaltado por entes de um mesmo grupo que produz e evoca este sentimento a partir de certos elementos cuidadosamente selecionados que caracterizam e identificam uma nação, uma espécie de *check list*, conforme Löfgren:

Every nation should have not only a common language, a common past and identity, but also a national folk culture, a national character or mentality, national values, perhaps even a national tastes and a national landscape (often enshired in the form of national parks), a gallery of national myths and heroes (and villains), a set of symbols including flag and anthem, sacred texts and images, etc. This national inventory is produced mainly during the nineteenth century, but elaborated during the twentieth (Löfgren, 1989: 9).

A “novidade” histórica e etnográfica desta situação afetiva com relação ao nacional, do patrimônio tombado e das imagens cuidadosamente buriladas deste afeto brasileiro, bem como da repercussão das condições da *Maison du Brésil* na França e no Brasil é que o cenário de sua ocorrência é exterior ao espaço territorial brasileiro. As vivências das brasilidades ocorrem no território francês, em relação e interlocução com a nação francesa.

A *Maison du Brésil* é um espaço ao mesmo tempo público (por ser reconhecido como parte do patrimônio arquitetônico francês e aberto à visita, com características de museu) e privado (composto pela teia quotidiana de moradia temporária tecida por pesquisadores de pós-graduação), que vem sendo vivido como um conjunto de identidades que podem ser descritas como identidades nacionais e também regionais brasileiras, desterritorializadas.

Para Abelés a questão da desterritorialização se relaciona com a circulação internacional de pessoas, idéias, significados, mercadorias e pode ser entendida em um largo espectro teórico e metodológico que se propõe a analisar desde as complexas questões concernentes à vida dos imigrantes até o entendimento dos deslocamentos temporários propiciados pelo turismo: “la manière dont les groupes, dont on dit parfois un peut vite qu’ils sont “déterritorialisés”, pensent et pratiquent leur doublé rapport à leur territoire d’origine et avec les pays où ils se trouvent disséminés. (Abelés 2008: 203).

A circulação internacional dos estudantes observada na *Cité U*. se situa em um meio termo correspondente à busca de uma formação internacional cosmopolita subsidiada pelos estados nacionais ou por fundos familiares, e, mais raramente pessoais. Do ponto de vista do lugar habitacional dos pesquisadores a dupla inserção cultural se expressa através processos de composição da apropriação territorial e identitária, que remete ao nacional em suas articulações, conforme destacam os organizadores do livro *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*:

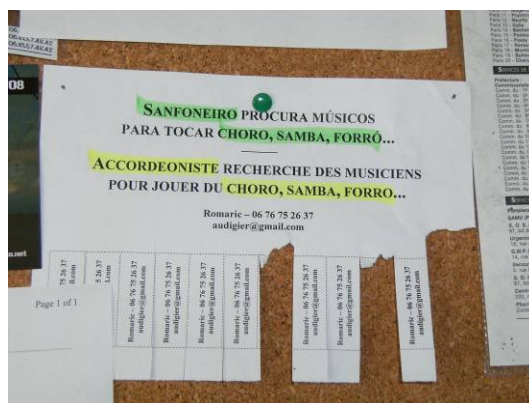
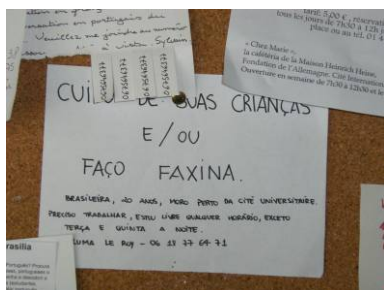
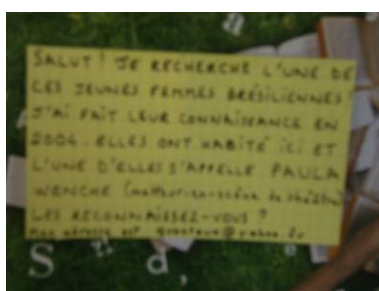
O mundo internacional é constituído a partir de recursos e esquemas de pensamentos forjados em espaços nacionais, isto é, que a construção de um espaço internacional de relações sociais é, em grande medida, tributária de recursos produzidos nacionalmente, que, por sua vez são transformados pela influência do transnacional. (Almeida, Bittencourt, Canedo e Garcia 2004: 11).

Ser brasileiro na França e acionar o nacional brasileiro é uma constante na *Maison du Brésil* em que se fala português e se abraçamos o francês, cujas festas são regadas à música, bebida e comida brasileira e, em que os anúncios nos murais demonstram a busca de produtos e serviços brasileiros em Paris, num apelo constante ao local (brasileiro) entremeado ao viver uma experiência educacional em Paris. A lógica e composição da vivência de identidades nacionais e regionais desterritorializadas pode ser pensada na perspectiva de Hannerz quando este aborda a tensão entre o cosmopolitismo e o local no contexto da globalização:

Historicamente, estamos habituados a considerar as culturas em termos de estrutura distinta no significado e na forma significativa, geralmente intimamente vinculadas a territórios, e de indivíduos que se sentem vinculados a essas culturas específicas. A suposição subjacente, neste caso, é que a cultura circula principalmente em um relacionamento face a face, e que as pessoas

não se deslocam muito. Esta suposição se presta o bastante para delinear o local como tipo ideal. (Hannerz 1990: 253).

Em Hannerz a crítica à visão do enraizamento territorial demonstra a dificuldade de percepção da circulação cultural e das características do cosmopolitismo. No caso da vivência das identidades desterritorializadas percebidas o acionar o local como expressam as imagens abaixo, captadas no mural da *Maison du Brésil*, é interpretado como estratégia de composição para se viver uma experiência internacional.



Nesta re-configuração do espaço na vivência da brasilidade a que se somam nuances regionais, a *Maison du Brésil* como um lugar de habitação temporária passa a se constituir em um território limítrofe de produção cultural, “um lugar de possíveis formas de relações com o espaço, em que indivíduos e grupos o transformam, a partir do estabelecimento de relações sociais; lugar coletivamente apropriado e delimitado por uma fronteira reconhecida e naturalizada por uma história e pela memória coletiva”. (Bergues e Alphanhéry: 2004, 8). Essas simbolizações ocorrem de formas tão variadas quanto a disposição dos móveis nos quartos dos residentes, na organização das cozinhas coletivas em cada um dos 5 andares da casa, no uso de imagens que remetem aos

familiares e amigos deixados no Brasil, às referências jocosas a *Maison du Brésil* como “o favelão de Paris” e a própria significação da relação espacial da *casa* na *Cité Universitaire*.

Em 2004, Clarisse, de Belo Horizonte, que se preparava para um doutorado pleno em Letras me chamou a atenção para a disposição da *Maison du Brésil* entre a *Maison du Portugal* e *Maison de l'Inde*, mencionando sua coincidente casualidade histórica com a disposição destas residências na *Cité U.*. Na sua fala esta disposição espacial e concepção adquirem uma intencionalidade relacional que remete a própria história da colonização. Mas, apesar desta intencionalidade e ou coincidência apontada por Clarisse cabe registrar que a *Maison du Brésil* foi construída anteriormente às Casas de Portugal e da Índia, ambas inauguradas em 1968 (LEMOINE: 1990).



A significação (aparentemente inverossímil) de Clarisse tem raízes mais profundas. Ela alude a uma analogia entre as histórias do Brasil em relação à colonização européia, da história da *Maison du Brésil* em termos do projeto espacial da *Cité U.*, das trajetórias de brasileiros em Paris e de sua situação muitas vezes liminar de pesquisadores/imigrantes/turistas³. Demonstra a percepção de três situações significadas como periféricas: enquanto visão histórica nacional, espacial e de si no mundo francês.

A inserção temporária propiciada pelas viagens de estudos a Paris, somada a dificuldades com a língua ou mesmo a necessidade de compatibilizar trabalhos ocasionais com os períodos de formação se traduz em representações melancólicas de dificuldade de integração com o mundo francês. Representações de uma certa “resistência cultural” a certos aspectos mais privados com a visibilização de manifestações de brasilidade, conforme expressa a fala de Carlos, economista pernambucano, que residiu na *Maison du Brésil* em 2003/2004:

- A vida na Cité para os brasileiros expressa uma contradição de que ao mesmo tempo em que se vivencia um contexto multicultural da convivência com outros estudantes, significando uma

³ Este era o caso de Clarisse que após concluir o DEA desempenhava trabalhos temporários como cuidar de crianças e como recreacionista para complementar sua renda e financiar parte de seus estudos de doutorado.

abertura para a diferença. O que eu notei foi também um aspecto que marca a vida dos que moram lá que é a busca de proteção na convivência com brasileiros, contra o isolamento e face à dificuldade da integração com outro meio cultural, uma espécie de compensação da falta do Brasil. Eu acho que a resistência de falar francês na casa entre brasileiros expressa um pouco isto!

Feldman-Bianco (1997: 71) ao analisar a questão dos confrontos culturais no cenário da imigração portuguesa nos Estados Unidos destaca a utilização lingüística nos processos de (re)construção de identidade feminina efetuada pelas intermediárias culturais portuguesas. A autora enfoca as representações da mulher nas relações de gênero entre imigrantes portugueses, destacando a negociação identitária das intermediárias (que se expressavam habilmente tanto em inglês quanto português), recriando imaginários relativos ao passado, em territórios específicos.

Para além das dificuldades lingüísticas encontradas por brasileiros na *Maison du Brésil*, creio que a opção por se expressar em português se refere à complexa produção de um cenário e apropriação de um território brasileiro em Paris que remete à busca de aconchego, de solidariedade, de vencer a solidão na busca de se integrar (pelo menos com os brasileiros) em relações privadas que fazem circular e comunicar cosmopolitismo e localismo, no contexto multicultural francês.

Löfgren (1999) ao estudar o sentido metafísico e existencial de cruzar as fronteiras nacionais em seus locais de entrada e saída refere-se a uma pedagogia multifacetada do espaço que se expressa em relações de ansiedade e desconforto frente ao desconhecido: “Another common metaphor is the nation as a house and the immigrant as a visitor knocking at the door or the window, standing at the threshold or in the back yard” (Löfgren 1999: 12). A metáfora da casa como nação se materializa e complexifica no cenário da *Cite U.*, pois a *Maison* é significada como território do acolhimento, da integração.

A metáfora da nação como casa conforme Löfgren afirma: “there is an ethnification of national identity involved” (1999: 13) que se expressa de diferentes formas significadas na visibilização do nacional em suas vivências rituais e cotidianas, na produção de estereótipos regionais e nacionais, nas imagens do Brasil, oferecidas na *Maison du Brésil*. À diferença de um retorno para casa da imagem produzida por Löfgren, está na significação inversa, mas também correlata de viver na *Maison*. De um lado a casa é vivida como a nação, mas isto se dá por ocasião da saída do Brasil para a França, o que torna a questão da proteção ainda mais significativa. Expressa a busca de um “porto seguro” que remete ao lugar feliz brasileiro na França, que percebi como sendo afirmado através de representações (mais ou menos) caricatas do que seja o Brasil.

Isto explica a própria ênfase dada a preservação e cuidado da *Maison du Brésil*, na percepção dos agentes e pesquisadores brasileiros e franceses que remete ao zelo para com um território que é

percebido como um bem cultural. Seguindo a análise de Anderson (1996: 145) ao abordar a questão do patriotismo e do racismo, a *Maison du Brésil* e as demais residências que compõem a *Cité Universitaire* podem ser considerados como produtos culturais do nacionalismo.

A *Maison du Brésil* em Paris é o próprio Brasil que está sendo mostrado, degradado ou cuidado, próspero ou em ruínas, clandestino ou oficial. É a imagem da nação brasileira no exterior, concebida a partir de um projeto intercultural que a abriga e que dialoga com sua administração. Os múltiplos significados de uma residência degradada se chocam com o glamour dos projetos nacionalistas e seus objetivos, atingindo Brasil, França e o projeto intercultural da *Cité Universitaire* que é preciso focar para melhor entender a pretensa *etnização* que ocorre na *Maison du Brésil*.

Cité Internationale Universitaire

Interpreto a criação da *Cité U* em 1921 (Anuaire 2004: 20) na perspectiva de Elias (1994: 216) como relacionada à visão universalista da cultura francesa. Sua concepção parte de um conjunto de perspectivas da França de “abertura para o exterior” como estratégia para enaltecer a nação portadora de um gênio civilizador:

Até certo ponto o conceito de civilização minimiza as diferenças nacionais entre os povos: enfatiza o que é comum a todos os seres humanos ou – na opinião dos que a possuem – deveria sê-lo. Manifesta a autoconfiança de povos cujas fronteiras nacionais e identidade nacional foram tão plenamente estabelecidas, desde séculos, que deixaram de ser temas de qualquer discussão, povos que a muito se expandiram fora de suas fronteiras e colonizaram terras muito além delas (Elias 1994: 25).

Um exemplo significativo desta política de celebração do nacional, com relação à Europa e à França, desde o século XIX, foram as Exposições Internacionais. Conforme Thiesse (2000: 196-198) a grandiosidade destas “exibições identitárias” tem objetivos civilizatórios e territoriais, dotados de uma pedagogia da pertença ao exibirem miniaturas das nações em sua diversidade, para serem cultuadas. Igualmente grandiosa a *Cité Universitaire* possui uma dimensão civilizatória e pedagógica do aprendizado permanente da nação francesa aberta para o exterior, que deseja oferecer formação qualificada e integrar os pesquisadores a Paris e ao seu mundo científico, a partir da proposta da *Cité U*. Isto se expressa na arquitetura das casas, nos espaços coletivos, em suas normas, atividades culturais, etc, cuja ocorrência do projeto internacionalista da *Cité U*. (tal qual as

exposições internacionais) está em interlocução com as nações e regiões que lá possuem Maisons, bem como com suas peculiaridades de organização e relativa autonomia, conforme expressa seu *site*:

La Cité Universitaire

Située entre la Porte d'Orléans et la Porte de Gentilly, et à trois stations de métro seulement du Quartier Latin, la Cité Universitaire propose de nombreux avantages à ses résidents.

Tout d'abord, c'est un parc de 40 hectares, où les bosquets et les pelouses partagent l'espace avec 37 résidences de taille et styles architecturaux différents qui accueillent chaque année 5500 étudiants de toutes les nationalités. Au centre du parc, la Maison Internationale rassemble plusieurs services communs: une bibliothèque de plus de 30.000 titres ; 3 salles de spectacles où se développe une intense activité de création théâtrale, musicale et chorégraphique ; des équipements sportifs (tennis, piscine, gymnase) ; un restaurant universitaire et une cafétéria ; une agence bancaire et un vaste hall d'accueil. A toutes ces commodités s'ajoutent encore un stade et un bureau de poste. La Cité Universitaire représente un agréable village intégré au tissu urbain de la métropole parisienne.

Ensuite, les habitants de ce vaste ensemble, issus de multiples origines nationales et scientifiques, sont des étudiants en fin de formation, des professeurs et des chercheurs qui sont à Paris dans le cadre d'un programme universitaire ou d'un stage auprès d'un établissement d'enseignement supérieur ou de recherche de la Région parisienne. Leur séjour peut aller de quelques semaines à trois ans maximum. Parmi eux, les Français ne sont que 30%, et chaque année plus de 100 nationalités sont ici représentées, justifiant pleinement le nom de " Cité Internationale ". Cependant, l'originalité de la Cité est plus profonde et subtile. Elle se trouve dans la création d'une véritable communauté dont les mots-clé sont : tolérance, compréhension, échange et respect de l'individualité. La présence des différentes maisons nationales n'implique pas la formation de ghettos nationaux puisque, par le moyen d'un programme de " brassage ", chaque maison accueille des résidents de plusieurs origines, réunissant ainsi les conditions essentielles à la multiplicité des contacts entre les habitants.

Toujours fidèle à l'esprit d'ouverture initié par ses créateurs, la Cité entretient une vie en collectivité qui favorise les échanges entre plusieurs cultures, entre les futurs décideurs de plus de cent pays qui se croisent ici tous les jours. Les étudiants ont toujours la possibilité d'établir avec des chercheurs et des professeurs des contacts moins formels que le rapport professeur/élève. Les différentes activités culturelles et sportives qui se déroulent à la Maison Internationale comme dans chaque résidence favorisent ce type de rencontre.

Ouverte au monde extérieur, la Cité Internationale Universitaire de Paris est, en résumé, un lieu de communication entre les différentes cultures, au service de la coopération intellectuelle et culturelle internationale.

A proposta da *Cité Universitaire* de Paris, que é multicultural desde sua concepção, objetiva favorecer o desenvolvimento da circulação internacional de estudantes/pesquisadores em formação a partir de sua permanência na *Cité U*. O oferecimento da estrutura habitacional necessária integrada à cidade de Paris se comunica com a produção de conhecimento nas mais diversas áreas. A estrutura e condições oferecidas remetem à questão educacional em uma perspectiva ampla, que apresenta a integração entre as nações, num cenário coletivo, como proposta para o desenvolvimento individual de cada residente.

Como projeto coletivo, a perspectiva integracionista e multicultural se expressa nas 23 residências que compõem a *Cité U*, representando e materializando a diversidade-mundo da proposta de espaços coletivos a serem partilhados por todos os seus habitantes, como a *Maison Internationale*, por exemplo. Nestes espaços a língua utilizada no atendimento ao público é o francês, bem como as normas de cortesia e padrões de comportamento⁴.



Uma das características da *Cité U* como território de circulação internacional é a ênfase da “nação” francesa em sua dimensão espacial pública somada a sua abertura para os modos de ser do outro estrangeiro (compatíveis) nas respectivas *Maisons*. Essa composição da dialogia público/privado que ocorre no nível de *Cité U*, também é perceptível nos espaços de cada uma das

⁴ Nestes casos dizer *bon jour* e *merci* no princípio da conversação é obrigatório e representa a diferença entre a boa ou má vontade no entendimento do francês dos pesquisadores por parte dos funcionários do correio ou da biblioteca situados em espaços coletivos. Nas residências há uma maior flexibilidade com relação ao francês e as línguas nacionais são amplamente utilizadas, mas os *rappels* (avisos) sempre são bilingües.

residências em dimensões variadas, em que a ocorrência da circulação internacional é sempre mediada pelo peso do nacional, expresso nas relações sociais e redes, interfaces e circularidades.

No entanto, na *Cité U.* essa publicização do nacionalismo francês enquanto padrão comportamental prescrito tem alguns limites como a preocupação expressa de evitar o predomínio francês e a formação de guetos nas diferentes residências. Na *Cité U* há a limitação deste nacionalismo com o intuito de efetivar a integração. Esta busca ocorre através da “*brassage*” (*action de remuer, brasser pour mélanger*) que corresponde à ocupação de até 30% de cada uma das residências por estudantes de nacionalidades diversas da nação que a *Maison* representa. Mas cada casa possui certa liberalidade para efetuar-la. Na *Maison du Brésil* os brasileiros que são encaminhados a outras residências da *Cité U.* são estudantes com menos de 30 anos e esta é, em geral, a situação dos pesquisadores estrangeiros recebidos.

É através da *brassage*, que objetiva literalmente misturar, que se efetiva a circulação internacional entre os residentes estrangeiros dentro dos limites da *Cité U.* Um fenômeno importante para a compreensão da formação intelectual que ocorre na França e, principalmente porque permite vislumbrar as afinidades e construção de redes que acabam interferindo e interagindo em trajetórias individuais na vida dos residentes:

- Conheci Lucy na noite em que cheguei na *Maison du Brésil*, mas não conversamos porque eu logo subi para o meu quarto para descansar da longa viagem e do fuso que me deixou aturdida. Na sexta-feira seguinte nos cruzamos na cozinha quando Krishina, Amina e ela chegaram para cozinhar e me convidaram pra ficar pro jantar. Entre os desentendimentos do francês dos indianos e do nosso inglês meio capenga conseguimos nos divertir muito. No sábado Lucy me acompanhou para fazer minha *Carte Orange* (cartão mensal que dá acesso aos transportes coletivos da cidade) e exploramos Paris. À noite fomos jantar na *Maison de l'Inde*, onde Lucy residia e onde fui apresentada para algumas pessoas. Recordo de dois deles, Lucien, um francês que circulava muito pela *Cité U.* e Suradj (com quem Lucy se casou no ano seguinte). Era outubro de *nuit blanche* (vários museus estavam abertos com entrada gratuita, entre outras atrações) e decidimos ir ao Louvre. Aquele primeiro final de semana de Paris foi inesquecível para mim. Eu estava começando a conhecer pessoas, a sair e explorar a cidade, na semana seguinte estaria mais preparada para conhecer minha orientadora (Diário de Campo).

Apesar das críticas que muitos estudantes brasileiros que foram escolhidos sem poder opinar para fazer a *brassage* com estrangeiros, foi através dela que me dei conta da sua importância na vida de todos nós e de sua dimensão intercultural prática na *Cité U.* A presença de “estrangeiros” nos espaços comuns da *Maison du Brésil* nos obrigava (ao menos os com melhor

fluência) a falar francês. No entanto, esta circulação internacional, aqui entendida de forma meio distorcida e que se expressa na convivência entre pesquisadores estrangeiros de diversas nacionalidades num território francês suscita desentendimentos e contradições que se chocam com o discurso multiculturalista apresentado no *website* da Cite U..

Um exemplo destes desentendimentos foi a situação humilhante de um residente indiano que foi chamado a dar explicações sobre porque estava usando a colcha de seu dormitório para se cobrir ao invés dos lençóis que eram trocados intactos de seu quarto a cada duas semanas. Sua explicação constrangida foi de que os lençóis brancos são usados na sua região para envolver os mortos e que trazia má sorte usá-los.

Rememorar este acontecimento ilustra a dificuldade que o convívio com a diferença suscita para os mais diversos atores que partilham a vida na Cité U.. Não há culpados nesta situação, mas o desconhecimento de um “detalhe” que, significado de um ponto de vista cultural, se torna fundamental. Entendo este convívio e suas dificuldades como uma experiência educacional de largas dimensões, um processo civilizador a que concorre o aprendizado da língua, novos costumes e regras de etiquetas. A *brassage* pode ser mais ou menos traumática dependendo da possibilidade do residente de adentrar o interior da “casa nação” ou de se posicionar na soleira ou quintal, conforme a analogia já apresentada (Löfgren 1999: 12).

Penso que as dificuldades de aprendizado coletivo ou individual do *ethos* nacional correspondem às perspectivas de inserção nestas situações de “intercâmbio” cultural em que possuir competência lingüística se torna essencial, mas não o único garantidor deste aprendizado. Viver em uma residência bilíngüe pode ser visto como facilitador ou complicador para esta inserção, dependendo das condições de abertura para a diferença, tempo de estada e objetivos traçados pelo pesquisador nestes termos.

Arabela Oliven, ao comparar os *colleges* norte-americanos com as faculdades brasileiras, com o intuito de analisar os sistemas universitários em ambos os países, se refere às *fraternities* e *sororities* como organizações nacionais que congregam grupos fechados de estudantes que residem em casas localizadas dentro ou na periferia dos campi (Oliven, 2005: 115) e que funcionam como filtros sociais. Internamente, para os estudantes, pertencer a estas organizações significa uma marca de distinção. Do ponto de vista de seus não membros, as organizações correspondem a um universo excludente e de certa permissividade que se choca, muitas vezes com as normas dos próprios *colleges*.

Guardadas as devidas peculiaridades, a análise da autora se comunica com a *Maison du Brésil*, ao abarcar uma reflexão sobre as significações que o viver coletivamente suscita em relação a

residências privadas, mesmo que estas sejam partilhadas⁵. Nas residências estudantis, mesmo para pesquisadores de pós-graduação há uma intencionalidade clara do regramento e promoção da vivência do coletivismo que encontra como limite a vida privada dos residentes, representada e significada nas portas fechadas de seus quartos.

Em uma residência de caráter nacional como a *Maison du Brésil* a promoção do coletivismo se dá através das referências ao Brasil em atividades que remetem ao lazer veiculando a cultura brasileira inclusive em suas matizes regionais. A promoção e/ou apoio da direção da *Maison du Brésil* de festas, dos ciclos de cinemas e debates sobre o Brasil se inscrevem nesta perspectiva: o Clube do Choro, o Domingo de Sol, Festas Juninas, Carnaval, Natal e Ano Novo, bem como a realização de exposições de arte realizadas no *ball* da casa que objetivam mostrar a diversidade brasileira.

Mas a questão da recepção do caráter nacional brasileiro coletivamente acionado neste cenário também se percebe a partir de atividades cotidianas como na gestão do lugar e suas repercussões que ocorre a partir das relações estabelecidas entre os funcionários da administração da casa e os residentes.

“Por favor, não me peçam para transgredir estas regras”

- Cada um que chegava para morar na casa era agendado para um *rendez-vous* com a diretora (individual ou em pequenos grupos). A conversa consistia basicamente na apresentação das principais regras de funcionamento da casa e no esclarecimento de dúvidas, questões que os novos moradores tivessem. Lembro-me especialmente de uma frase da diretora que completava a exposição do regulamento da casa que era: “-por favor não me peçam para transgredir estas regras”. A advertência tem como pressuposto que o brasileiro não cumpre as regras, é avesso à disciplina, pois sempre busca um jeitinho para burlá-las.

A fala de Carlos, economista de Recife, que residiu na *Maison du Brésil* entre 2003 e 2004, remete a um momento muito formal e ritualizado vivenciado por todos os residentes nos seus primeiros dias na *Maison*. Lembro também do meu próprio *rendez-vous* que ocorreu em francês com a diretora, pois contou com mais duas pessoas (Philip, suíço que estudava Science Politique e

⁵ Há um conjunto de diferenças muito claras não só em termos de custos no que concerne a habitar um *studio* em Paris e viver na *Maison du Brésil* (significativamente mais barato). Segundo Luisa, de Campinas, que nos seus primeiros meses em Paris alugou um *studio* as taxas variavam muito, além de se sentir muito só. “A opção de viver na *Maison* foi a melhor solução pra mim, porque ajustei meu orçamento e me senti mais integrada, fiz novos amigos.”

Alejandro, economista). Também percebi uma ênfase muito especial na questão do cumprimento das normas e um ataque sutil à busca de pessoalidade e de tratamento diferenciado.

Como brasileira, acostumada ao argumento do jeitinho, entendi o recado que as normas eram claras e bastava cumpri-las para garantir uma boa estada na casa, mas meus dois companheiros de reunião pareceram (por sua fisionomia) não entender a ênfase da diretora. Após a reunião, Philip, que, como eu, morava no quinto andar me pediu explicações e percebi a profunda diferença de interpretação na recepção da fala da diretora para cada um de nós. Não se tratava de uma questão de tradução lingüística, mas da significação na interpretação das normas pelo *ethos brasiliis*, que não fazia sentido para residentes não brasileiros da *Maison du Brésil*. Ela estava sinalizando claramente que as relações de pessoalidade (tão caras aos brasileiros, que poderiam se considerar ainda mais especiais por estarem vivendo em Paris) não seriam levadas em consideração na *Maison du Brésil*. E isto possuía implicações que percebi no seu cotidiano.

Tentei explicar a Philip que no Brasil em algumas situações, certas pessoas buscam um tratamento diferenciado em relação a normas que prescrevem comportamento geral, alegando seu caráter pessoal diferenciado. Era o famoso “*jeitinho*” de interagir. Mas, ressalttei que estas pessoas não o entendiam como um pedido de transgressão da norma, mas como uma acomodação mais favorável de uma situação.

É significativa, apesar do “por favor não me peçam para transgredir estas regras” a abrangência e conseqüências desta colocação, pois há uma tensão que perpassa as relações na *Maison du Brésil* que interpreto como um desentendimento cultural de atuação da atual gestão por vários sujeitos. Este desentendimento se traduz nas reclamações, por parte da direção, do não cumprimento de normas previamente estabelecidas como o cuidado com espaços coletivos e seus equipamentos e a proibição de ferros elétricos nos quartos, por exemplo. Os residentes reclamam magoados da intervenção dos funcionários em suas vidas privadas, que remexem seu lixo e fazem comentários e, principalmente da não subjetivação, da falta de afetividade, flexibilidade e descortesia quando são obrigados a deixar seus quartos, muitas horas antes da partida de seus vôos, de que sua presença nada significa para a direção da casa que apenas se interessa por números.

Vários vôos de Paris para o Brasil ocorrem à noite. As diárias na *Maison du Brésil* encerram às 12 horas e os cartões são previamente programados para neste horário parar de funcionar. Há uma sala ao lado da portaria onde é permitido depositar as bagagens até o momento de saída da *Maison*. Isto é acordado na chegada com o residente. Inclusive o pagamento de uma caução correspondente ao valor de um aluguel mensal que lhe é devolvido após a inspeção final para desocupação do apartamento. No entanto, queixas são corriqueiras e tem como argumento o descaso da

administração com sua saída (que quer logo se ver livre) ou a punição por desentendimentos ocorridos ao longo de sua estada.

O que ocorre, por vezes, é o simples esquecimento das condições acordadas há muitos meses e a administração fica representada como vilã da história com interrogações constantes sobre: - porque o meu cartão parou de funcionar ou porque “fui enxotado do “meu” quarto como uma pessoa qualquer, depois de um ano nesta casa”.

DaMatta, Pandolfi e Vasconcellos (2008: 3) ao efetuarem um estudo de caso sobre o trânsito no Espírito Santo destacam a relação controversa e estrutural existente entre igualdade e hierarquia, uma vez que, embora o espaço público seja ordenado de forma igualitária e as normas sejam gerais, o comportamento na apropriação do mesmo é hierárquico. As relações também se processam neste sentido quando se trata da busca de pessoalização e tratamento diferenciado na *Maison du Brésil*. Vale também lembrar neste sentido a relação dual entre a Casa e a Rua proposta por DaMatta (1985: 30) que opõe e valora público e privado e que aqui se complexifica, porque na *Maison du Brésil* estes dois mundos (até certo ponto significados como opostos no imaginário brasileiro) apresentam fronteiras bastante tênues.

Do quarto à casa

Na *Maison* os quartos correspondem ao mundo privado. Eles são individuais⁶ e tem 16m². A maioria possui banheiro com ducha e uma pia, que foi descrito por Paulo, de Belém do Pará, como “uma cápsula sanitária” por causa de seu formato arredondado, disposto em uma parte mais elevada do quarto e fechado por uma porta de metal com ímã. A parede de entrada que acompanha a porta, e o teto são coloridos (preto, vermelho, verde ou azul). As demais paredes são brancas e as aberturas são amarelas. Os quartos da frente possuem *balcon* (uma sacada), os de trás têm uma janela envidraçada com vista para o parque da *Cité U..* Todos são equipados com *chauffage* (calefação) que é significada como quente demais pelos brasileiros do sul e que muitas vezes “não aquece” segundo os nordestinos e nortistas. Os quartos além de uma cama com maleiro e um pequeno móvel auxiliar possuem um armário com prateleiras para livros e roupeiro que funciona como divisor do espaço e onde está fixado o frigobar e um *box* para roupas, também usado como balde por aqueles que preferem não usar a lavanderia. Há ainda uma mesa com espaço para teclado de computador, duas cadeiras, uma luminária, telefone, tomadas com entrada para internet e um

⁶ Há também quartos maiores com dois aposentos, uma cozinha própria que são reservados para casais com ou sem filhos. A idade máxima permitida para crianças é 12 anos e é proibida a permanência de animais de qualquer tipo.

mural branco de metal pendurado na parede lateral que logo é ornamentado pelos residentes. Para Elias:

O quarto de dormir se tornou uma das áreas mais “privadas” e “íntimas” da vida humana. Tal como a maior parte das demais funções corporais, o sono foi sendo transferido para o fundo da vida social. A família nuclear continua sendo o único enclave legítimo, socialmente sancionado para esta e muitas outras funções humanas. Suas paredes visíveis e invisíveis vedam os aspectos mais “privados” e “íntimos”. (Elias 1994: 164).

Embora o quarto seja um espaço privado por excelência, na *Maison du Brésil*, ele adquire sentidos que exacerbam suas funções usuais, pois é mais do que o lugar para o sono. É também escritório, refeitório e sala de estar onde se recebem os amigos quando se quer ter mais privacidade ou quando os grupos são pequenos. É possível receber 4 ou 5 pessoas de forma relativamente confortável quando se aproveita o espaço da cama (transformada em sofá) e as cadeiras disponíveis. A mesa de estudos se transforma em um pequeno *buffet* de queijos e de pães e o vinho é servido em copos ou xícaras buscadas nas cozinhas coletivas, nos primeiros tempos.



Foto Ceres Karam Brum, fevereiro de 2004

Ao longo da estada o espaço privado ocupado por cada residente sofre um amplo processo de *pessoalização*. Taças e talheres são adquiridos, enfeites, varais para secar roupas, jogos americanos para mesa, incensos e flores, cafeteiras e garrafas elétricas para aquecer água (embora sejam

proibidas), televisores e até micro ondas em alguns casos. O espaço das prateleiras laterais, antes vazio, começa a ser tomado por um volume significativo de livros e outros objetos adquiridos.



Foto Ceres Karam Brum, fevereiro de 2004

Com o passar dos meses de estágio em Paris, uma ampla transformação na vida dos pesquisadores se percebe. A adaptação ao novo cenário internacional de pós-graduação, dialoga com as mudanças ocorridas no universo privado. Com o pagamento das parcelas iniciais das bolsas de estudos CAPES ou CNPq, em sua maioria, algumas viagens de lazer ou estudos começam a ser realizadas individualmente ou em grupos. Seu planejamento e organização propiciam a circulação, também internacional, de informações plurais que ocorre nas visitas e encontros entre os residentes, em seus quartos. Trocas de informações sobre os preços dos utensílios, dicas de bibliotecas, cinemas, preços mais acessíveis de *ballet*, ópera⁷, musicais e museus que valem à pena ser visitados, hotéis, agências de turismo acessíveis, combinações sobre a realização de festas de despedida e boas vindas, etc.

Viver esses momentos significa adentrar no mundo privado de cada um, comunicando experiências presentes em Paris, o percurso percorrido, as dificuldades, conquistas e planos futuros expressos em suas histórias de vida. Laços sociais que se instauram inaugurando proximidades, enlances e alianças que perduram muitas vezes para além dos períodos de residência comum:

⁷ *Faire la queue* que literalmente significa ficar na fila é uma expressão usual na Maison du Brésil. Os residentes amantes de ópera e *ballet* se organizam no dia anterior e combinam o horário de saída. Por volta das 6 (seis) horas tomam o metrô até os teatros e aguardam a distribuição das senhas para as 10 horas retornar e ocupar, na fila, no lugar designado pelo número adquirido horas antes, com o objetivo de adquirir ingressos a preços bem mais baixos. A organização da fila é informal e quem produz e distribui as senhas é o primeiro a chegar. Como as temporadas de ópera e *ballet* ocorrem no inverno e as filas se formam fora dos teatros o frio é insuportável, além de muito cedo os cafés ainda não estarem abertos. Em janeiro de 2004 vivenciei o *faire la queue* com alguns colegas da Maison. Estava prestes a nevar e além de mim “acostumada” ao frio sulino e Cristiano, também gaúcho, havia uma colega baiana Clésia e um pernambucano, José. As menções a nossa resistência ao frio foram inevitáveis acompanhadas da troca de piadas sobre gaúchos e nordestinos. Cristiano alegou nossas diferenças históricas com relação ao restante do Brasil que, somadas ao clima e nossa proximidade da Argentina e Uruguai, nos distanciavam do Brasil nordestino. Creio que o acionar as identidades regionais em situações cotidianas partilhadas, para além da busca do acirramento das diferenças norte-sul, de disputas e animosidades decorrentes da pretensa oposição região-nação, remete a questão da diversidade regional que filtra, percebe e re-organiza o nacional de uma maneira plural na *Maison du Brésil*.

- Minha nova vizinha parecia muito simpática. Um dia começamos a conversar na cozinha quando preparávamos nosso almoço e ela me convidou para tomar um chá no seu quarto. Adoro cachorros e fiquei encantada com a simpatia de um labrador estampado no seu mural. Era o *Patife*. Havia também outro cão, um gato, toda a sua família, fotos da casa no Brasil e de Nilson, seu marido. Junto das fotos um postal de um quadro do Klimt que ela comprara recentemente em uma visita ao *Museu Guggenheim de Veneza*. Ao me mostrar e explicar cada uma das fotos fui transportada para o seu mundo. Conversamos por horas naquela tarde sobre nossas vidas e nossas pesquisas de doutorado em Antropologia. Nos tornamos interlocutoras, trocamos textos e os discutimos. Seguidamente nos cruzamos em ABAs e RAMs. Nossas vidas que se cruzaram naqueles meses tomaram novos rumos no Brasil, após a defesa de nossas teses, mas o convívio partilhado foi enriquecedor para nossas trajetórias intelectuais e pessoais. (Diário de Campo)

A diversidade dos encontros e o convívio entre pesquisadores na *Maison du Brésil* corresponde a experiências de aprendizado em que diversas formas de parentesco “simbólico” são seladas: “the word relationship when used of a social relationship implies a basic contradiction between its own normative aspect – the ideal that we ascribe to that category of person – and the actual entity that constitutes that person at the time.” (Miller 2007: 548-550).

Nesta perspectiva constitutiva dos sujeitos, as redes construídas durante o período de estada na casa se configuram em um suporte afetivo (de parentesco) partilhado, gerando uma noção de família que se processa de variadas formas, tal como os enlaces temporários profundamente enraizados e envolvimentos amorosos fugazes que ajudam a “suportar” a distância da família e dos amigos, com se refere Miller (2007: 548) ao assinalar a significação do termo parentesco como eufemismo de sexo, em um de usos coloquiais observados pelo autor em Londres, na atualidade.

A instauração de laços de afetividade passa por questões tão diversas quanto de afinidades intelectuais a questões regionais da partilha de certos hábitos, por exemplo. Percebi uma tendência inicial da aproximação de pessoas das mesmas regiões e estados, principalmente das mesmas universidades, mas em contrapartida me deparei com afirmações da obrigatoriedade do convívio comum e de aceitação quase forçada: “- nós não escolhemos viver juntos, mas já que estamos aqui...”(conforme me confidenciou Paulo de Santa Catarina, em uma festa quando comentávamos sobre a experiência de viver na Maison).

Sua afirmação remete às relações plurais que os residentes estabelecem com a casa e as significações que esta adquire na narração de suas trajetórias nos momentos de permanência na *Maison du Brésil* (durante o estágio no exterior) e após a sua conclusão. A metáfora do caleidoscópio, neste caso, serve para pensar (Lévi-Strauss 1996) sobre a situação de uma combinação inusitada de

elementos e de pessoas que ocorre na *Maison du Brésil*, no sentido de que, a escolha individual do convívio é até certo ponto aleatória, pré-existe. O inusitado das combinações desses elementos é significado, como na fala acima, também como falta de autonomia e a uma necessária submissão às regras da Maison, geradora de certa angústia, percebida também nas alegações da falta de privacidade que levam muitas pessoas a deixá-la logo que se sentem mais seguras com relação à língua e à cidade.

Há um clima de grande oscilação. Euforia nas festas com muita música e descontração, mas por vezes um sentimento de solidão e desconforto no cotidiano que também pode se referir à percepção da transitoriedade da experiência vivida na França, os momentos de escrita da tese e a relação igualmente transitória com os demais habitantes da casa, de um momento de vida que não retornará. As festas extrapolam a dificuldade deste convívio em termos das relações de apego e desapego observadas.

Os usos e abusos da nação e da região

Além da organização de eventos e festas que ocorrem com o apoio da direção da *Maison du Brésil*, acontecem também encontros “não tão oficiais” nas cozinhas coletivas e na cafeteria. A realização de festas de despedida, feijoadas e de alguns churrascos, organizados por gaúchos, nos finais de semana, se inscrevem nesta perspectiva, em que se busca reproduzir as características de uma feijoada à brasileira ou de um churrasco á gaúcha:

-Nosso desejo da autenticidade (na busca de um sabor brasileiro) tinha como limites práticos a aquisição dos ingredientes. Em Paris raramente encontrávamos farinha de mandioca, muito menos couve. Vestíamos o *cuçucuç* de farofa e folhas de brócolis de couve mineira. O feijão era um produto de circulação transnacional já que era trazido do Brasil por familiares ou amigos que vinham nos visitar, mas também tentamos cozinhar (obtendo algum sucesso) o feijão vermelho usado para salada na França, em nossas feijoadas, o que nos levou a batizá-las de *Feijoada Métisse*.

Para o churrasco compramos carne em um mercado chinês próximo a Casa. Nada que lembrasse muito nossos suculentos espetos gaúchos. A carne foi assada em uma grelha do lado de fora da cafeteria lembrando os *assados de tira* que se come no Uruguai e na Argentina.. Era um dia de janeiro tão gelado que deixamos também nossas cervejas do lado de fora, próximas a churrasqueira improvisada. (Diário de Campo).

Feijoadas e churrascos eram ocasiões especiais que reuniam entre 20 e 30 pessoas e, em que, embora debatêssemos sobre a nossa não intenção da produção de estereótipos e, tentássemos negá-los, se celebrava o Brasil e o Rio Grande do Sul. Conforme as análises de Fry (1977) e Maciel (1996) estes rituais alimentares apresentam claras dimensões identitárias. Na *Maison du Brésil* remetem a máxima de que talvez nunca tenhamos nos sentido tão brasileiros quanto naqueles meses em Paris. A recíproca me parece também verdadeira para a questão regional, com relação ao Rio Grande do Sul. Um grupo de gaúchos, representando satiricamente sua integração a expansão do gauchismo pelo mundo, em 2003 criou na *Maison du Brésil* o CTG *Coxilha do Eliseu*, Segundo Cristiano:

- O CTG Coxilha do Eliseu começou com o fato de eu tomar chimarrão todos os sábados no final da tarde, hábito que passei a partilhar com vocês e a partir daí as coisas se expandiram, em especial nossa amizade. Mas nossas rivalidades esportivas se mantiveram. Eu sempre aproveitei para debochar dos macacos colorados e vice-versa.... algo típico da gente, que não se vê entre cariocas, paulistas e outros povos habitantes do país com tal intensidade como a nossa.

As principais atividades do CTG eram: “obrigar os nordestinos e outros desavisados” a escutar audições do Teixeira⁸ e poesias gaúchas, aperfeiçoar o prato típico gaúcho mais viável em Paris, o arroz com lingüiça ou *arroz de china*⁹, traduzido grosseiramente como “*riz au saussice de mouton* ou *riz à la putaine pauvre*” e a atribuir a certificação do teste do pelego.¹⁰

Para Thiesse (1997: 114) ao discutir a questão da exaltação do regional, num contexto de afirmação do nacionalismo, o voluntarismo na celebração das tradições procura impôr a imagem consensual da comunidade nacional através do culto pacífico da diversidade, que tem por finalidade fornecer às novas gerações uma cultura declarada sadia, mas obsoleta, por oposição a uma modernidade cosmopolita.

Ao estudar o gauchismo, Ruben Oliven o caracteriza em consonância com nacional brasileiro, como um caso bem sucedido de regionalismo, “em que a continuidade e vigência deste discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha”. (Oliven 2006: 90). Igualmente a identificação com o nacional

⁸ Compositor popular do regionalismo gaúcho que alcançou grande sucesso nacional na década de 70, cujas composições remetem a uma imagem orgulhosa de pobreza do homem do campo e suas tragédias cotidianas. Muito próximo as músicas sertanejas da atualidade pode ser caracterizado como brega.

⁹ O *arroz de china* ou *arroz de puta pobre*, numa alusão às mulheres que habitavam a campanha gaúcha no século XIX é uma comida barata feita apenas com a mistura de com salsichão (lingüiça) de carne de porco e arroz. Era igualmente um prato barato para os habitantes da Maison, com a vantagem de ser de simples e rápida elaboração. A conotação sexual e a frequência semanal com que o preparávamos era revertida simbolicamente em prol da nossa situação de miserabilidade estudantil em oposição ao churrasco muito caro para os nossos padrões e que só aconteceu uma vez durante os 7 (sete) meses que residi na casa.

¹⁰ A alusão ao pelego se refere a sua utilização sexual como lugar para dormir e “dar uma escapada”. O certificado do teste do pelego, foi atribuído apenas em uma oportunidade, em 2004, na festa de despedida de Cândido (biólogo gaúcho) pelos gaúchos da direção do CTG Coxilha do Eliseu se constituía no reconhecimento público da virilidade e das características de “comedor da Maison”.

brasileiro na *Maison du Brasil*, focalizando as identidades gaúchas não se opõe ao regional, ao contrário, ela é enfatizada a partir da seleção de sinais diacríticos que afirmam e celebram o regional (Brum: 2006: 259), sem que esses se choquem, com o nacional brasileiro. Mesmo assim, neste caso, enfatiza a diversidade regional e reforça os estereótipos do machismo gaúcho.

Neste caso, mesmo em se tratando de uma satirização do gauchismo esta exaltação se constitui em um jogo sério. Na perspectiva de Ortner (2007: 46) jogos sérios implicam o jogo de atores, vistos como agentes que implica na produção e no reconhecimento do poder de agência individual e do reconhecimento coletivo ou rechaço dos promotores destas festas, em que ocorre a exaltação do nacional e do regional.

Estas vivências, por sua vez, ocorrem em um território que não é nacional ou mesmo o local/regional brasileiro, mas em que os sujeitos estão vivenciando uma situação de circulação internacional para adquirirem uma formação cosmopolita. Neste contexto, o contato com o outro estrangeiro também presente é uma constante e a sua interpretação é uma via de mão dupla, como nas feijoadas em que participavam residentes de outros países como Krishina para quem costumávamos preparar feijão temperado sem carne e com mais pimenta (por ser indiano).

A ritualização vivida extrapola o caráter nacional da feijoada “restrita” para brasileiros, incidindo na questão da circulação internacional dos sujeitos em formação num cenário cosmopolita perpassado pela reciprocidade, em que se trocam jantares e festas, se ensinam costumes e músicas: são fatos sociais totais (Mauss 2003: 209). Feijoadas, churrascos e outras festas, jantares privados típicos indianos e libaneses como os que participei na *Maison du Brasil* se inscrevem no aprendizado de caracteres nacionais recíprocos em que se instauram laços sociais. Estes eventos são palcos de pertencimento e reconhecimento recíprocos e intercambiáveis de afirmação e identificação, conforme (Ricoeur 2007: 260), num percurso da auto-identificação ao poder de agência individual de seus participantes.

A construção observada nas vivências desta circulação de pesquisadores, também apresenta uma dimensão “local” e se calca em leituras de imagens e na afirmação do nacional brasileiro no exterior através da apresentação de uma diversidade “exótica”, de comportamentos e sabores que destacam uma conotação erótica, reforçando o próprio estereótipo do Brasil no exterior em termos de música, dança, gênero.

Mas, conforme ressalta Leitão ao abordar a questão da moda brasileira na França e a exotização que a caracteriza: “Essa reinvenção do país, entretanto, deve ser tomada muito mais como fonte de reflexão sobre o imaginário brasileiro – e francês – sobre o Brasil do que como instrumento acusatório.” (Leitão 2007: 228). Do que é possível afirmar, em termos da circulação

internacional e suas vivências, que o peso da recepção deste estereótipo gaúcho-brasileiro é, ao mesmo tempo, duplo e dividido.

Para Bhabha o estereótipo é um modo de representação complexo e ambivalente de identificação fetichista e fóbica que atua na construção do imaginário coletivo. “O fetiche dá acesso a uma identidade baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e recusa da mesma” (Bhabha 1998: 116).

Tanto as afirmações das identidades nacionais brasileiras quanto as de diversidade regional, no tocante ao gauchismo, remetem a um percurso da reconstituição das camadas de tempo e do espaço vivido, expressa nas representações dos pesquisadores residentes da *Maison du Brésil*, filtrada por minha própria posição de ex-residente e capacidade de estranhar. Para Fieldmann Bianco (2004: 293), esta reconstituição remete à questão da memória individual que, por sua vez, está conectada à memória coletiva a respeito de uma experiência vivenciada e representada pelos grupos enquanto discurso identitário comum.

Neste sentido, a Maison du Brésil pode ser entendida como um território de circulação internacional que é caracterizado pela exaltação da brasilidade perpassada pelas imagens do Brasil e de suas regiões que também dialogam com as tênues imagens de outras nacionalidades dos “estrangeiros” que lá residem. Suas significações na trajetória de seus residentes são plurais e ambivalentes e refletem, como um simulacro, a lógica descrita por Bhabha do poder de se sentir um cosmopolita, mas com o viés colonial da dominação opressora do local que aqui dialogam incessantemente na significação da experiência educacional universitária internacional destes sujeitos, expressa em suas falas e demais suportes de memória.

Referências Bibliográficas

- ABÉLÉS, Marc. **Anthropologie de la globalisation**. Paris : Payot & Rivages, 2008.
- ALMEIDA, Ana Maria F. [et al.] **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.
- **ANUAIRE Internationale des anciens de la Cité Universitaire de Paris**, 2004.
- ANDERSON, Benedict. **l'Imaginaire national. Réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme**. Paris: la Découverte/Poche, 2002.
- AUGÉ, Marc. **Le temps en ruines**. Paris : Galilée, 2003.
- BERGUES, Martine e ALPANDÉRY, Pierre. Territoires en question: pratiques des lieux, usages d'un mot. *in* **Ethnologie Française**, 2004. (1) : 5-12.
- BHABHA, Romi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

- BRITO, Ângela Xavier de. Transformações institucionais e características sociais dos estudantes brasileiros na França in **Revista brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro 50 (2): 145
- 162, 2000.
- BRUM, Ceres Karam. 2006. **Esta terra tem dono: representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul**. Santa Maria, EDUFMS.
- DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- ____; PANDOLFI, Ricardo e VASCONCELLLOS, João Gualberto Moreira. Tanto igualdade quanto hierarquia? O caso da cultura de trânsito no Espírito Santo in **Gt cultura brasileira: modos e estilos de vida, 32ª ANPOCS: 2008**, 21p..
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Vol.1 Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Imigração, confrontos culturais e (re)construção de
- identidade feminina: o caso das intermediárias culturais portuguesas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n.5, p. 65-83, 1997.
- _____. (Re)construindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos
- visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica. In: LEITE,
- Miriam e FELDMAN-BIANCO, Bela. **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais**. 3.ed. Campinas: Papyrus, 2004.
- FRY, P. H. . Feijoada e Soul Food. **Cadernos de Opinião**, São Paulo, v. 4, p. 13-23, 1977.
- HANNERZ, Ulf. Locais e cosmopolitas. FEATHERSTONE, Mike (org.) in **Cultura global**. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 251-266.
- LEITÃO, D. . Nós, os outros: construção do exótico e consumo de moda brasileira na França. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, p. 203-230, 2007.
- LEMOINE, Bertrand. **La Cité Internationale Universitaire de Paris**. Paris : Éditions Hervas, 1990.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1996.
- LÖFGREN, Orvar. The nationalization of culture in **Ethnologia Europea. Journal of European Ethnology**. Vol.14, nº.7,1989,p. 5-24.
- _____. Crossing borders. The nationalization of Anxiety in **Ethnologia Scandinavica**. Vol.29, 1999, p.5-27.
- MACIEL, M. E. . Churrasco à gaúcha. In **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre S, v. Ano 1, n. 4, 1986, p. 34-48, 1996.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas
- sociedades arcaicas. In **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Kosac-Naify, 2003.
- MILLER, Daniel. What is a relationship. Is a kinship negotiated experience. **Ethnos**, vol. 72:4, dec.2007 (pp.535-554). Londres.
- OLIVEN, Arabela. C. . A marca de origem: comparando colleges norte-americanos e faculdades brasileiras. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo - SP, v. 35, p. 111-135, 2005.
- OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 2006 (2ª edição).

- ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In Grossi, M et alli.(org.) **Conferências e diálogos. Saberes e práticas antropológicas**. Brasília ABA. Nova Letra, 2007. p.45-80.
- RENAN, Ernst. **Qu'est ce la nation**. [1882] Paris : Éditions Mille et Une Nuit, 1997.
- RICOEUR, Paul. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2007.
- ROTMAN, Patrick. **Mai 68: raconté à ceux qui ne l'ont pas vécu**. Paris : Seuil, 2008.
- SALIM, Inês Machado. **Maison du Brésil: cronologia de fatos**. Inédito. Digitalizado: Paris, 2004.
- THIESSE, Anne-Marie. **Ils apprenaient la France: l'exaltation des régions dans le discours patriotique**. Paris: Maison des sciences de l'homme, 1997.
- _____. **A criação das identidades nacionais**. Lisboa : Temas e Debates, 2000.
- WEBER, Max. A nação *in* **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971.p. 201-210.

- Fotos: Ceres Karam Brum. Paris, março de 2008.